

Apresentação do Número 12

Caríssimos (as) autores, editores, parceiros em geral da Revista Discente Ofícios de Clio, é com grande alegria que podemos apresentar mais um número a ser publicado em nossos editais, deixando cada vez mais claro e conciso o nosso compromisso com a divulgação científica séria e de importância impar pelo tempo em que vivemos. Buscando manter a periodicidade, a Clio traz a nossos leitores diversos artigos enquadrados em dossiê temático, artigos livres, voltados à educação e resenhas de livros – atuais, mantendo o debate fresco, visto que nosso prazo para aceite de resenhas é de até três anos desde que o manuscrito fora publicado – que se encontram dentro do imenso guarda-chuva que é o campo historiográfico e seus derivados, bem como complementares temas de discussão.

Para compor nosso décimo segundo número, foram selecionados 22 trabalhos, sendo 9 sob o dossiê *Ditaduras e golpes do Cone-Sul: diferentes fontes e perspectivas históricas*, proposto pela doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Camila de Almeida Silva, e pelo doutorando do PPGH da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Leonardo Fetter da Silva, 1 em nosso dossiê voltado a experiências de ensino – como estágios e aplicação de projetos -, 10 na seção de artigos livres e, por fim, 2 resenhas.

Iniciando nossa apresentação pelo Dossiê Educação, que conta com o artigo intitulado “*Deus, Pátria e Família*”: proposta de uma aula de História sobre o fascismo no Brasil, fruto da experiência de estágio supervisionado realizada no modo remoto dos graduandos em história pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Caio Henrique Silva Fernandes e Joice Cristiane Machado. A prática docente foi elaborada pelos autores a partir da temática do fascismo em âmbito nacional e estadual (Santa Catarina), dando ênfase para os desdobramentos da Ação Integralista Brasileira em ambos os cenários. Dessa forma, ao longo do artigo são apresentadas tanto os desafios enfrentados pelos estudantes no ensino remoto quanto a importância das discussões sobre o fascismo na história do Brasil e a emergência da defesa da democracia.

Em seguida, partimos aos artigos livres, estes que seguem a liderança de Vanessa Gomes de Campos, mestranda da Universidade de Passo Fundo (UPF), que escreve: *De Acheias a Reminiscências: vivido, memórias acionadas e reapropriadas de Mons. João Maria Balem (1920-1950)*, e apresenta discussões sobre o conceito de memória a partir dos acervos pessoais. Em sua narrativa, a autora analisa os processos de rememoração e reapropriação da narrativa de Balem e a relação do mesmo enquanto produtor desse acervo

peçoal. Além disso, também são apontadas algumas das possibilidades de pesquisa que podem surgir a partir do olhar de historiadores e historiadoras para essas fontes que, segundo a autora, ainda são pouco exploradas.

No artigo intitulado *O arquivo pessoal do professor Walter Fernando Piazza: honrarias de um educador catarinense*, de autoria do graduando em história pela UFSC, Vinícius Bosignari, são apresentadas reflexões sobre o uso dos arquivos pessoais para pesquisas históricas que versem sobre o estudo de trajetórias. O artigo analisa o arquivo pessoal do professor Walter Fernando Piazza, as fontes materiais que o compõem e, por fim, apresenta alguns resultados iniciais sobre a importância dessas discussões para as investigações sobre a história da educação no estado de Santa Catarina.

Em seguida, uma análise da Independência do Brasil a partir do audiovisual nos é apresentada por Danilo Mendonça, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em artigo denominado *A independência vai ao cinema: construções e reflexões acerca de Independência ou Morte (1972)*. Seu trabalho se concentra no longa-metragem dirigido por Carlos Coimbra e procura refletir sobre as escolhas narrativas, a construção dos personagens e a influência da obra no mercado cultural. Com tal estudo, o artigo tece considerações sobre cinema e história e sobre um momento em que o Estado procurava suscitar um sentimento patriótico nos mais diversos âmbitos.

Diretamente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Filipe Marinho de Melo traz contribuição para a história social da escravidão. Denominado *De propriedade a proprietária, ou, Duas africanas senhoras de escravizadas (Recife, Século XVIII)*, seu texto se debruça sobre os significados culturais, políticos e sociais da posse de escravizadas de duas africanas libertas no Recife, segunda metade do século XVIII. O autor procura ir além dos apontamentos da historiografia, os quais enfatizam o caráter de assimilação. Sua proposta é analisar o fenômeno em uma dimensão Atlântica considerando que a posse de escravizados era adaptação tanto da prática africana quanto a da América portuguesa.

A seguir, no artigo intitulado *A propósito da ciência de Polícia ou da Polizeiwissenschaft*, Pâmela Campos Ferreira, doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), dedica-se à temática da polícia. A autora realiza alguns apontamentos sobre as linhagens do paradigma do Estado de Polícia, tal como este constituiu-se nas monarquias europeias entre os séculos XVI, XVII e XVIII. Ademais, apresenta reflexão sobre as origens do termo “police” e dos modelos que influíram na tratadística da ciência de polícia. Prestigia-nos, por fim, com análise da obra *Traità de la Police*, de Nicolas Delamare, um importante texto da polizeiwissenschaft.

O autor Juliano Lima Schualtz, graduando do curso de licenciatura em história da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), escreveu o artigo intitulado *Escrever para fugir da morte: a trajetória literária de Evandro Affonso Ferreira e as sensibilidades do tempo presente*, em que, a partir de uma abordagem interdisciplinar, analisa a trajetória do escritor brasileiro contemporâneo Evandro Affonso Ferreira (1945-) em seu momento inicial, chamado de vida palavra e o papel da escrita, e em sua segunda fase de produção literária, nominada de morte homem que compõe a trilogia do desespero. A partir do estudo das obras *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (2010), *O mendigo que sabia de cor os adágios de Erasmo de Rotterdam* (2012) e *Os piores dias de minha vida foram todos* (2014), Schualtz busca apontar as sensibilidades do tempo presente, sobretudo a precariedade, o luto e a morte.

Logo após, Luiza Ebert de Oliveira, mestranda no Programa de Pós-Graduação em História do Tempo Presente da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), escreveu o artigo *“Todos os domingos eles se encontravam, toda a ‘portuguesada’”: práticas culturais e sociabilidades de imigrantes portugueses em Caxias do Sul/RS (1910-1950)*, identificando, a partir da análise de jornais e entrevistas, as camadas de memória, práticas culturais e sociabilidades deixadas pela imigração portuguesa em Caxias do Sul/RS entre as décadas de 1910 a 1950. A autora também problematiza uma narrativa existente na cidade em que se enaltece a perspectiva dos imigrantes italianos e seus descendentes sem se considerar a contribuição de outros grupos que participaram da formação da cidade. Dessa forma, discute a memória enquanto uma função decisiva na existência, com potencialidade de interferir nas representações do presente.

Giovana Eloá Mantovani Mulza, doutoranda em História Política pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), clama autoria de *História indígena no Brasil: balanço histórico do conflito pela terra a partir do final do século XIX e sua regionalização em Pinhalzinho (Tomazina/PR)*, apontando, primeiramente, as modificações sofridas na política indigenista brasileira mediante os diferentes contextos históricos do país. A autora também discorre sobre as disputas por terras indígenas, fenômeno presente até nos dias atuais, identificando a atuação do Estado nesses conflitos. Por fim, Mulza faz um estudo de caso, discutindo as expressões regionais dos confrontos na Terra Indígena de Pinhalzinho, localizada na cidade de Tomazina (PR).

Em *Gêneros não-binários etnohistóricos: O gênero Muxe e a colonialidade*, Gabriel Ferreira Simionato, mestrando pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), propõe que a binariedade de gênero é uma construção imposta pelo colonialismo. Para tanto, Gabriel Simionato faz um estudo de caso dos muxes entre os zapotecas, no México. Este

gênero não-binário e não-colonial performa tanto características femininas quanto masculinas, além de características próprias, rompendo com a binariedade imposta pela colonização à lógica zapoteca. Membras integrantes da sociedade, as muxes servem de exemplo para pensarmos para além da lógica binária de gênero.

Em *Brasília: a repercussão da construção do século na imprensa brasileira*, Henrique Knebel Visnievski, graduando de jornalismo pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e Rafaela Silveira, graduanda de engenharia de controle e automação pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFSUL), analisam como o projeto ambicioso do então presidente Juscelino Kubitschek foi analisado e debatido pela mídia brasileira, tais como *Diário de Notícias* e *Jornal do Brasil*, bem como o papel que perpassaram jornalistas e o sistema noticiário brasileiro na década de 1950.

Dando sequência, chegamos à nossa seção de resenhas, em que duas figuram como personagens principais e ocupam os holofotes. Larissa Azevedo da Silva, graduanda em história da UFPel, realiza uma análise da obra *Ensino de História e Internet: Aprendizagens conectadas*, organizada pelos doutores Osvaldo Rodrigues Junior e Marcelo Fronza, percorrendo sobre sete artigos que compõem a obra e os temas abordados por estes, até chegar ao impacto que a pandemia da covid-19 teve sobre a sala de aula, bem como a brusca mudança que exerceu sobre essa – vide plataformas online, o não contato e o ensino à distância.

Por fim, a resenha – intitulada *Bolsonaro e História do Tempo Presente* - que fecha nosso número é de autoria de André Bialeski Vieira, graduando da UDESC. Neste trabalho do livro *Do Fake ao Fato: des(atualizando) Bolsonaro (2020)*, organizado por Bruna Klem, Mateus Pereira e Valdeci Araujo, André Vieira aponta que a obra apresenta uma compreensão (1) da eleição de Jair Bolsonaro em 2018 e (2) o “efeito Bolsonaro”. O autor também divide a obra em dois blocos temáticos: o primeiro, a respeito do negacionismo histórico vinculado à figura de Bolsonaro; e o segundo trata da ligação entre religiosos (especialmente evangélicos) e Bolsonaro. Ambos os temas são permeados pelas redes sociais e por fake news, instrumentos utilizados para eleger o atual presidente do Brasil em 2018.

Equipe Editorial:

Márcia Janete Espig

Ariane Regina Bueno Cunha

Bethânia Luísa Lessa Werner

Douglas Reisdorfer

Fernando Antônio Brod

Isabelle Brancão Chaves

Larissa Ceroni de Moraes

Luiz André Gasparetto Pagoto

Vitor Borges da Cunha